

“NASCIDAS NO CAMPO”: O ESPAÇO SOCIAL DE MULHERES GESTORAS BRASILEIRAS ATUANTES EM EMPRESAS RURAIS FAMILIARES DO AGRONEGÓCIO

ROBERTA NESS¹; PROF^a. DR^a. ELAINE DA SILVEIRA LEITE²

¹*Universidade Federal de Pelotas – PPGS/UFPel – robertaness@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – PPGS/UFPel – esleite20@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O número de mulheres à frente de empreendimentos rurais no Brasil tem crescido nas últimas décadas (IBGE, 2017), impulsionado por processos de sucessão familiar, profissionalização da gestão e transformações culturais (TEJON, CARNEIRO, 2020). No entanto, sua presença em cargos de gestão permanece atravessada por contradições históricas, sobretudo no que se refere à divisão sexual do trabalho e às hierarquias de gênero presentes no meio rural (DEERE; LEÓN, 2002; DEERE 2004; BRUMER, 2004; KARAM, 2004). Ao mesmo tempo que abrem-se novas oportunidades de atuação, também persistem barreiras simbólicas e estruturais que desafiam a autoridade e a legitimidade das mulheres que trabalham no campo. É nesse cenário de ambiguidades que as gestoras rurais constroem suas trajetórias, conciliando inovação e tradição, conquistas e limitações.

Diante desse contexto, a questão central deste estudo é: como se organiza o espaço social das mulheres gestoras em empresas familiares do agronegócio, considerando as interseções entre gênero, família e negócios? A pesquisa procurou entender como diferentes disposições incorporadas (Habitus)¹ influenciaram a construção dos sentidos atribuídos a diferentes maneiras de ser mulher gestora e a compreensão dos desafios enfrentados por elas, em um contexto marcado por tensões e desigualdades de gênero. O objetivo principal é construir um quadro analítico do espaço social² formado por empresárias brasileiras atuantes em cargos de gestão em empresas rurais familiares do agronegócio, a partir da perspectiva da desigualdade de gênero e da intersecção entre família e negócio.

A pesquisa foi realizada utilizando dados de 124 mulheres gestoras atuantes em empresas rurais familiares do agronegócio, atendidas por uma empresa de consultoria da cidade de Pelotas/RS e participantes de projetos de governança ativos em 2022. A metodologia do estudo combinou métodos quantitativos (Análise de Correspondências Múltiplas) e qualitativos (análise documental, conversas informais e entrevistas com roteiro semiestruturado).

De forma mais ampla, o estudo insere-se no campo da sociologia econômica, dos estudos de gênero e dos atores empresariais, contribuindo para a análise de um grupo que, embora venha ganhando visibilidade em um setor

¹ Ver conceito de Habitus em A distinção: Crítica social do julgamento, Pierre Bourdieu (2011).

² No referido estudo, espaço social foi compreendido como a representação da diversidade do grupo de indivíduos pertencentes a um contexto social (HEY, 2007).

importante para a economia do país, ainda é pouco estudado do ponto de vista da atuação das mulheres empresárias rurais e das dinâmicas de gênero no campo.

2. METODOLOGIA

Os instrumentos de coleta de dados incluíram análise documental, entrevistas com roteiro semiestruturado e conversas informais. Para a análise dos dados categóricos, utilizou-se a técnica de Análise Geométrica de Dados, com ênfase na Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), com o objetivo de descrever e interpretar o espaço social das mulheres empresárias brasileiras que ocupam cargos de gestão em empresas rurais familiares do agronegócio.

Para isso, utilizou-se uma amostra por conveniência composta por 124 mulheres que atuam em empresas rurais familiares e que foram participantes de projetos de governança em 2022, conduzidos por uma empresa de consultoria especializada no agronegócio, com sede em Pelotas/RS e atuação nacional e internacional, abrangendo onze estados brasileiros, o Distrito Federal e países como Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Devido à inexistência de fontes de dados públicas, foi elaborado um banco de dados original, reunindo informações sobre as gestoras e as propriedades rurais, incluindo variáveis como idade, formação educacional, tempo de atuação, quantidade de filhos, forma de inserção no negócio, posição hierárquica, desafios enfrentados, número de homens com quem dividem a gestão, tipo de produção, área cultivada, faturamento anual e estado de atuação.

A ACM foi utilizada para mapear a estrutura do espaço social das gestoras, permitindo identificar quatro perfis distintos presentes na amostra. Essa técnica reduz a complexidade das variáveis e gera eixos que representam, de forma gráfica, as diferenças e proximidades predominantes entre as unidades de análise (KLÜGER, 2018), sendo amplamente utilizada nas ciências sociais³ para a classificação e construção de perfis. Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas com quatro mulheres representativas de cada perfil, a fim de aprofundar a compreensão individual de suas trajetórias pessoais e profissionais. As entrevistas investigaram como experiências familiares, escolares e profissionais se entrelaçam na construção dos sentidos atribuídos à gestão e à posição ocupada nas empresas. Complementarmente, foram analisados documentos disponibilizados pela consultoria e realizadas conversas informais com os profissionais responsáveis pelo acompanhamento dos projetos. Essa combinação permitiu articular dados estatísticos, relatos biográficos e materiais documentais, possibilitando compreender as formas pelas quais as gestoras elaboram sentidos, enfrentam tensões e constroem estratégias em um espaço social marcado por desigualdades de gênero e por relações complexas entre família e negócio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

³ Ver: A distinção: Crítica social do julgamento, Pierre Bourdieu (2011). Ver também: Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação, Elisa Klüger (2018); Clivagens emergentes no mundo empresarial brasileiro. Apoiadores e críticos da extrema direita, Rodrigo Cantu (2024).

A análise quantitativa, realizada a partir da ACM, possibilitou a construção de um quadro analítico do espaço social dessas gestoras. O primeiro eixo da ACM (horizontal) destaca a faixa etária como fator gerador. O segundo eixo (vertical) evidencia as características das propriedades rurais como fator gerador. As diferenças e oposições presentes no espaço social, formadas por essas dimensões, permitiram identificar quatro perfis distintos: gestoras jovens, com menor tempo de atuação, ocupantes de cargos em setores administrativos e enfrentando dificuldades relacionadas a inexperiência/conhecimento no ramo; gestoras de meia-idade, com experiência moderada e enfrentando dificuldades relacionadas a conflitos geracionais/familiares e a dificuldade de conciliar família e trabalho; gestoras com mais idade, que possuem trajetória consolidada e atuação em áreas ligadas à produção e ao setor comercial, enfrentando dificuldades relacionadas ao autoritarismo/machismo/descréditos; e gestoras fundadoras ou que entraram no negócio através do casamento, enfrentam desafios ligados à inovação tecnológica/gerencial. Cabe ressaltar que essas dificuldades não são exclusivas de cada perfil, podendo ser sentidas por gestoras de diferentes grupos.

O aprofundamento qualitativo a partir das entrevistas evidenciou a complexidade das trajetórias individuais, destacando uma forte autocobrança e exigência constante em relação ao próprio desempenho, além de uma profunda relação com a família e com o negócio familiar, característica recorrente entre as gestoras entrevistadas. Além disso, apesar de ocuparem cargos de alto nível na hierarquia empresarial, as entrevistadas atuam predominantemente em setores socialmente naturalizados como femininos, como em setores administrativos, financeiros e de recursos humanos, evidenciando a persistência de uma divisão sexual do trabalho mesmo em contextos de gestão.

A naturalização das desigualdades de gênero foi outro aspecto relevante. Embora as entrevistadas reconheçam os preconceitos e as barreiras no ambiente (empresarial) rural, relataram esses obstáculos como parte do “funcionamento normal”, indicando a internalização de normas sociais limitantes. As entrevistas também demonstraram que o tamanho da propriedade e a visibilidade no setor funcionam como elementos de diferenciação, reforçando a importância de fatores econômicos e simbólicos. Portanto, os resultados indicam que a presença feminina em cargos de gestão no agronegócio vem se ampliando, mas de forma tensionada, em que as gestoras articulam fatores individuais, econômicos e culturais com desigualdades estruturais, desenvolvendo também estratégias de resistência.

4. CONCLUSÕES

Os resultados deste estudo mostram que, embora a presença feminina em cargos de gestão no agronegócio tenha crescido, sua inserção continua permeada por tensões entre novas oportunidades de atuação e barreiras simbólicas e estruturais. A análise do espaço social das gestoras evidenciou quatro perfis distintos, que refletem diferentes trajetórias, experiências e desafios, demonstrando que fatores como idade, características da propriedade, experiência e forma de inserção no negócio influenciam a posição ocupada e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que compuseram a amostra analisada.

As entrevistas qualitativas reforçaram a complexidade dessas trajetórias, demonstrando que as gestoras enfrentam preconceitos e desigualdades de gênero, mas desenvolvem estratégias de resistência e reconhecimento. Dessa forma, a pesquisa oferece um quadro analítico do espaço social de mulheres que atuam em empresas rurais familiares do agronegócio e contribui para compreender quem são e quais são seus desafios no quadro de desigualdades de gênero e na intersecção entre família e negócio.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. 2004.

BOURDIEU, P. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: Zouk; 2^a edição, 2011.

CANTU, R. Clivagens emergentes no mundo empresarial brasileiro – Apoiadores e críticos da extrema direita. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v.36, n.3, 2024.

DEERE, C. D. Os Direitos da Mulher à Terra e os Movimentos Sociais Rurais na Reforma Agrária Brasileira. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(1): 175-204, janeiro-abril/2004.

DEERE, C. D.; LEÓN, M. O Empoderamento da Mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina. UFRGS; edição 1, 2002.

HEY, A. P. B. Bourdieu epistêmico-prático: o espaço de produção acadêmica em Educação Superior no Brasil. *Educação & Linguagem*, Ano 10, n.16, p.86-105, jul.-dez. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Agro 2017*. Disponível em:
<https://censoagro2017.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/25789-censo-agro-2017-populacao-ocupada-nos-estabelecimentos-agropecuarios-cai-8-8.html>. Acesso em: 20 ago. 2025.

KARAM, K. F. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(1): 360, Jan./Abr., 2004.

KLÜGER, E. Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação. *B/B*, São Paulo, n.86, 2/2018, p.68-97.

TEJON, J. L.; CARNEIRO, P. A. R. Cooperação, Inovação, Sucessão: as mulheres invadem o agro. 2020. Disponível em:
<https://blogs.canalrural.com.br/agrosuperacao/2020/07/14/cooperacao-inovacao-sucessao-as-mulheres-invadem-o-agro/>. Acesso: 25 ago. 2025.